

Curriculum sensibile minucioso

1 Identificação

Ercília MACEDO-ECKEL (Ercília Macedo de Moraes Eckel) é filha de Virgílio Cordeiro de Moraes e de Avelina Macedo de Moraes. Nasceu em Palmeiras de Goiás – GO, em 20 de fevereiro de 1937. Mas se considera da cidade de Goiás e cercanias, onde viveu desde bebê até sua adolescência.

Casou-se duas vezes; a primeira, com Aparício Dias de Araújo, aos 22 anos e a segunda, com o alemão Horst Eckel, aos 56. O primeiro casamento fora realizado em Goiás, cidade. O segundo em Goiânia.



2 Contato

Em papel: Caixa Postal 25.418 / Agência Flamboyant Shopping / CEP: 74.810-970.

Jd. Goiás, Goiânia – GO /Brasil

E-mail: escritoraercilia@hotmail.com

Site: <http://www.erciliamacedoescritora.com.br>

3 Escolaridade

Aprendeu a ler na fazenda, aos 5 anos, em cartilha branca e preta e em revistas evangélicas para crianças. Soletrando, no “alfabeto baiano” (fê, guê, ji, lê, mêmê, nê, rê, doblevê-w), a aproximadamente 12 km da Colônia dos Alemães, hoje Uvá, e a 45 km da cidade de Goiás (mais ou menos 7 léguas e meia da antiga capital). Logo (1943/44?) lhe fora apresentada a vida de David Livingstone, o peregrino da África (cujo autor não tinha a menor importância para ela naquela época), a fim de “desasnar” e desembaraçar a leitura. A obra trazia as aventuras religiosas e, principalmente, as descobertas em terras distantes feitas por esse missionário escocês, médico e pastor presbiteriano – o primeiro europeu a atravessar a largura da África meridional. Era um livro de capa dura e vermelha que morava sobre a mesa da varanda, juntamente com a Bíblia e peças de costura: “Lê aqui onde os pretos nativos retiraram o coração do homem de Deus pra enterrar na aldeia, como lembrança. E lavaram, salgaram e secaram seu corpo, sem as vísceras, para depois ser levado de navio ao Reino Unido. Lê alto, quero escutar. Lê como se tu estivesse conversando comigo, sem aquela ladainha cansativa. Olha a pontuação!” Isso aconteceu sob o rigor e cuidados da avó materna,

Domethildes de Matos Macedo (1886-1981), uma baiana que a prof^a. Alexandrina Passos (BA) acredita ser descendente do poeta barroco Gregório de Matos. Mas carece de provas.

Aos 7 anos a menina Ercília deixou a fazenda Buriti Isolado e veio com os avós para Goiás. Era noitinha e, de longe, do alto de seu cavalo, a garota pensou que as lâmpadas fossem estrelas caídas, espalhadas pelo chão. Imagem tão forte jamais fora esquecida. A cidade ainda guardava o cheiro de capital e sua iluminação era a motor. Sem demora, matriculou-se na escola pública: Grupo Escolar Manuel Caiado. Depois fez o Curso de Admissão ao Ginásio com a prof^a. Colombina Caiado de Castro (particular). A seguir, vieram o ginásio (foi oradora da turma) e colegial (“científico”) no antigo liceu da cidade de Goiás, exceção feita ao 3º ano, cursado em Anápolis, como aluna interna.

E, numa época em que moça de bom nome saía de casa só depois de casada, Ercília Macedo veio para Goiânia sozinha. Prestou vestibular na ainda Faculdade Católica de Goiás, hoje PUC, criada na década de 1950, e começou o curso de Letras Anglo-germânicas em 1958. Passou, então, a morar no “Pensionato das Freiras”, em frente ao Hospital Santa Helena. Porém abandonou a Faculdade ao se casar pela primeira vez, vindo a concluí-la mais tarde, em Anápolis, 1966.

Voltando à sua infância, porém, aquela menina apenas iniciada nas primeiras letras-leituras e na contagem baixa e concreta de objetos e animais do campo, conheceu a complexidade dos números arábicos, cardinais e ordinais; a tabuada de multiplicar cantada e salteada, nas casas de 6 a 9. Um horror! Mostrou que sabia aplicar os sete números romanos, ao escrever uma sequência de I (1) a M (1.000, com os respectivos correspondentes arábicos, em um “dever” de casa. Conheceu também os primos, os decimais aplicados às quatro operações, com as vírgulas nos lugares corretos. Máximo divisor comum e mínimo múltiplo comum, fração... Medidas lineares, de peso e massa, de capacidade e volume para secos e líquidos. E ainda mais números: unidade, dezena, centena, milhar, milhão... oitilhão, nonilhão, decilhão (1 seguido de 60 zeros). Tudo isso entre seus 8 e 10 anos de idade. Mas os professores eram como segundos pais. Mereciam silêncio, obediência e respeito. Só na idade madura ela começou a entender esses números na prática. Foi no governo Sarney. E, agora, no impostômetro brasileiro.

A palmatória que veio com os jesuítas para castigar indígenas de difícil aculturação, passou pelos senhores de escravos e chegou às escolas brasileiras. Porém, quando Ercília começou o primário (1944), não havia mais esse tipo de punição nas escolas da cidade de Goiás. Talvez ele ainda persistisse nas instituições rurais longínquas.

Até a primeira metade da década de 1940, o ensino primário terminava na 3ª série. Em 46, o elementar passou a ter a duração de quatro anos. Mas, parece-me que sempre, a partir da 2ª série, era obrigatório o caderno de caligrafia vertical, nºs 1, 2, 3... para repetição de palavras e frases, a fim de que as crianças treinassem, a lápis, uma escrita legível, bem como a limpeza e a disciplina. Depois vinham a pena de molhar no tinteiro e o mata-borrão para tirar o excesso de tinta da escrita. Esse tinteiro não deveria tombar nunca, nem a pena ser limpa na barra do uniforme. Que dava puxão de orelha em casa. Na década de 1950, Ercília Macedo foi agraciada com uma Parker 51 preta, tampa folheada a ouro, com seu nome gravado. Era como se a garota exibisse hoje um *smartphone* ou *tablet* de última geração. Com o uso intenso

dessa caneta e, mais tarde, com a chegada da esferográfica de plástico, da qual ela nunca mais se separou, desde a década de 1960, foi se formando um calo na falangeta, falange da unha, na parte interna do dedo médio de sua mão direita, que a acompanha até os dias atuais. E, creio, para sempre.

Mas antes, na década de 40, quando voltava do grupo escolar com as colegas, tinha um hábito chão: comprar puxa de rapadura, com moedas de réis (real) em prata, ainda aceitas, ou em níquel e bronze-alumínio. As efígies: Carlos Gomes, Oswaldo Cruz e outros. Com Getúlio Vargas veio o cruzeiro. E, ao ver uma moeda novinha, com a efígie do Marechal Dutra, aquela menina olhou e tornou a olhar essa moeda com muito cuidado. Com o cruzeiro, chegavam os centavos ao Brasil.

Os livros didáticos ginasianos constituíam um capítulo de fotonovela italiana à parte. Não se sabe se por dificuldade nas edições, no transporte, ou por qualquer outro motivo, era necessário percorrer uma via-sacra para obtê-los. O certo é que grande parte desses livros era comprada de 2ª, 3ª ou 4ª mãos. Desde que tais compêndios fossem bem conservados e limpos. Não *se* ganhava livro do governo. Não se trocavam autor e editora como hoje. E apostila só existia com outros sentidos: adiantamento de diploma ou título oficial; comentário e recomendação às margens de um texto ou dos Evangelhos. Décadas mais tarde, e com bastante resistência, as apostilas passaram a substituir os livros didáticos, principalmente em cursinhos. Muitos educadores argumentavam que esses resumos limitavam o conhecimento e que esquemas prontos, mastigados, restringiriam a capacidade de pensar dos alunos.

O *Lyceu de Goyaz*, de grata memória para os estudantes daquela época, ficava/fica na Rua Dr. Corumbá; foi fundado em 1846 e é a segunda escola pública secundária do Brasil, antecedido apenas pelo Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro (1837/1838). Porém fora transferido (1937), com a mudança da capital, para Goiânia. Mas uma *segunda unidade* permaneceu no mesmo endereço por décadas e o antigo estabelecimento conseguiu chegar aos nossos dias. O prédio ainda está lá, desafiando o tempo.

Nesse liceu ou ginásio, da 1ª à 4ª (hoje, da 5ª à 9ª do fundamental), além de expressão aritmética e fracionária, raiz quadrada, equação, coordenadas cartesianas... a garota Ercília descobriu o latim e se perdeu nos emaranhados de suas declinações; conheceu as fábulas de Fedro, “as quatro idades” de Ovídio, as cartas de Cícero e seu discurso (“Catilinárias”) contra Catilina... Os textos originais, escritos na ordem inversa, eram colocados na ordem direta e traduzidos pelo professor, geralmente ex-seminarista ou ex-padre. E mais aulas de francês, inglês (Ela não aprendeu nada) e português, à base de Camões. A análise lógica, hoje análise sintática, vinha de

“As armas e os *barões* assinalados (até)
Sem à dita de Aquiles ter *inveja*.”

As preleções de História Geral seguiam o autor adotado, Joaquim Silva. E coincidiam com o que Ercília cresceu ouvindo da Bíblia – sobre a Antiguidade Oriental e também sobre a civilização clássica da Grécia, Macedônia e Roma. Mas, quando estudou as eras geológicas e os períodos da Terra, na Geografia Geral de Moisés Gicovate ... percebeu evidente contradição com o pentateuco de Moisés, já no 1º capítulo de Gênesis, que narra Deus criando

o homem, os céus, a terra e tudo que nela existe, “terminando no dia sétimo” e nesse mesmo dia descansara Ele “de toda a Sua obra” de criação.

Então aquela garota passou a *sofrer* reflexões diurnas e noturnas acerca de tudo o que existe no mundo, até chegar de ré ao contrário: E se houvesse o Nada absoluto, antes do que existe hoje, o que (não) seria? E Deus, onde estaria? O que Ele (não) seria? Ausência de todas as coisas? Não haveria tempo, espaço, luz, cor e forma. Seria a eternidade? Mas o céu e o inferno que lhe descrevem têm tempo, espaço, luz ou fogo, cor, forma e até vozes...

E se aquela ginásiana dividisse essa angústia com alguém? Seria herege. Blásfema. Com toda certeza. Só se tranquilizou, parou de sofrer, quando foi aluna, na 3ª e na 4ª séries do ginásio, do respeitado prof. de Ciências, Dr. João Perilo, médico e ateu convicto. E teve a impressão de que o livro de cabeceira, a *Bíblia*, desse seu mestre era *A origem das espécies*, de Charles Darwin.

Nesses dados de Ercília Macedo há ainda uma informação que deve ser lembrada:

O inspetor de escola pública, no caso o liceu, tinha o hábito de aparecer de surpresa na sala de aula. Num átimo as alunas todas se punham de pé. Digo *todas* porque moças e rapazes estudavam em turnos distintos: homens pela manhã e mulheres à tarde. No colegial (misto) à noite essa autoridade nunca foi vista. Então o inspetor (me lembro agora do nome) Agenor Alves de Castro vespertinamente olhava, no verso da cartolina cinza de presença, as matérias lançadas e escolhia aleatoriamente o assunto e o número de uma aluna para ser arguída pela professora ou professor. Se não ficasse satisfeito, poderia chamar mais uma ou duas garotas. E uma nota era dada para se somar às outras e obter a média mensal naquela disciplina. A turma supunha que os docentes também eram avaliados pelas perguntas feitas às alunas e pela qualidade da aprendizagem revelada.

Falando em inspetor, num final de tarde, a curriculada fazia as tarefas do liceu, quando seu avô entrou na sala acompanhado de Anísio Teixeira. Não se sabe onde se encontraram em Vila Boa, nem como se conheceram. A garota percebeu logo que o visitante era fascinado por Educação, pelas perguntas e comentários que lhe fizera. Foi visita de médico, nem se sentou. Mas tempo suficiente para a avó da adolescente ser chamada no fundo da casa a fim de também conhecê-lo. Rumo ao portão de saída, os três começaram a rastar papo sobre Caetité, Macaúbas e sobre o orgulho de serem baianos. Somente dez ou doze anos depois, Ercília ficou sabendo de sua importância como defensor da educação pública.

Naquela época, “história em quadrinhos”, “fotonovela”, eram palavras e expressões perigosas, quase pornográficas, entre muitos pais de estudantes da cidade de Goiás. Principalmente entre os de formação evangélica. Garotas colecionando fotos sensuais de Elvis Presley, depois de 1954? Nem pensar! Que acontecia, então? As revistas *Grande Hotel*, *Capricho* e outras em branco e preto, com fotos *de babar*, eram escondidas dentro dos colchões e nos lugares mais inimagináveis das residências. Ercília Macedo era boa nesse mister. Publicações como *Jornal das moças* (RJ), *A cigarra* (SP) e *O cruzeiro* (RJ) eram toleradas, depois de feitas as tarefas escolares. O curioso é que, a partir dessas leituras

(proibitivas incluídas), a biografada passou a ter melhor rendimento no liceu. Esclareça-se: fora reprovada na 1ª e na 2ª séries do ginásio, com amargura para ela e muita humilhação para seus avós. Tenho um dó daquela mocinha e, mesmo assim, imensa saudade de tudo.

Avançando no tempo e para concluir as informações sobre a escolaridade de Ercília Macedo, deve-se dizer que em 1978 e 1979, ela fez quatro semestres de Artes Visuais na [UFG](#), deixando os outros quatro seguintes sem prosseguimento. No final de 1980, começo de 90, aproveitou algumas disciplinas do mestrado (1976) cuja dissertação havia caducado e, finalmente, concluiu o curso na área de Letras e Literatura.

4 Empregos e atividades culturais

Foi escriturária (registro de diplomas de normalistas) na Secretaria da Educação do Estado de Goiás, tendo trabalhado nesse órgão com os doutores José Feliciano, Rocha Lima, José Sizenando Jayme e Antônio Nery da Silva, esse ainda jovem estudante universitário. A biografada abandonou tal função, ao se casar pela primeira vez, em novembro de 1959. Mais tarde, em outubro de 1963, sem marido e com um casal de filhos, transferiu-se para Anápolis e começou a lecionar Língua Portuguesa no Colégio (Evangélico) Couto Magalhães, onde já havia sido aluna, em regime de internato e com relativo destaque (3º ano colegial). Desde cedo (11/12 anos), na cidade de Goiás, Ercília Macedo já mostrava inclinação para o magistério. Como irmã mais velha, reunia os irmãos mais novos e algumas crianças da Rua Travessa (ou Marquês Tocantins) onde morava no nº 5, para dar “aulas”. Confeccionava cadernos, boletins e diários de classe com papéis de pão costurados na máquina de mão da avó materna.

Ainda em Anápolis, cidade à qual Ercília Macedo muito deve, fez parte em 1968 da primeira Banca Examinadora da Faculdade de Direito (FADA), recém-fundada. O exame vestibular incluía prova oral, depois da prova escrita de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Também lecionou no Colégio Estadual José Ludovico de Almeida, em cursinhos prévestibulares e na Faculdade de Filosofia “Bernardo Sayão”, depois de haver ela concluído o curso superior nessa mesma Faculdade. Na ocasião (1966), redigiu a monografia de final de curso *Um contista goiano*, sobre os contos de [Bernardo Élis](#). Esse estudo foi publicado pelo Departamento Estadual de Cultura de Goiás, em 1968. Seu gosto pela literatura se acentuou. E, tendo adquirido, anos antes, *A poesia em Goiás* (1964), estudo e antologia, de [Gilberto Mendonça Teles](#), pensou em fazer algo modestamente parecido, no que se referia à prosa: crônica, conto, romance. Então, teve como ponto de partida o apêndice da obra citada, os “balanços literários” de final de ano elaborados pelo escritor [Miguel Jorge](#) e publicados no suplemento cultural de [O popular](#). A isso ela somou as respostas aos questionários enviados para os escritores e também a leitura atenta da prosa goiana “mais recente” (até 1974). Diante desse material, Ercília Macedo conseguiu datilografar mais de 200 páginas em papel ofício. Deixou os originais encadernados no Departamento Estadual de Cultura para publicação, sem guardar para si uma cópia. O trabalho se perdeu, juntamente com quatro anos de sua elaboração. (Infelizmente, com tamanho descuido, a curricularizada fez por merecer.) Porém muitas partes desse estudo foram publicadas no *O popular*, no [Correio brasileiro](#) (sobre Ursulino Leão), na *Folha de Goyaz*, no *Cinco de março* (hoje [Diário da manhã](#)). Deveria se chamar “A prosa em Goiás”.

A biografada voltou a residir em Goiânia no começo de 1973. Pois no ano anterior fora admitida na [Universidade Católica de Goiás](#), hoje PUC. Ali ficou quatro anos, até iniciar o curso de mestrado em Literatura Brasileira na UFG (1976), cuja dissertação não chegou a ser concluída e caducou. Ainda na década de 70, participou de festivais de poesia falada na Praça do Cruzeiro (Setor Sul) e de exposições de poemas-cartaz ([Teatro Goiânia](#)) – Eventos esses organizados por Miguel Jorge, escritor e crítico de arte de projeção nacional. Nessa época, havia censura prévia dos textos ou “durante” as falas e exposições artísticas, mas ela nunca teve problemas com suas manifestações.

Problemas familiares a acompanharam desde... sempre. E no final de 1981, começo do ano seguinte, Ercília leu uma obra de Nancy Mayer que tinha como subtítulo: “Recomeçando a vida depois dos 40”. Editora Record. Uma reflexão muito importante para quem está na meiaidade e precisa de mudanças, enfrentar desafios. Essa leitura causou-lhe grande impacto.

Então em abril de 1982, pediu licença do Estado e fixou residência em [Curitiba](#), aos 45 anos. Naquela capital, lecionou Português nos colégios do governo (CLT, final de mandato de Ney Braga e começo de Hosken de Novais) e Metodologia Científica / Técnicas de Pesquisa, na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, também chamada de [Faculdade Espírita](#). Três ou quatro anos depois, retornou a Goiânia, às cadeiras de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira ou Redação, anteriormente licenciadas. E aí permaneceu até se aposentar. Antes, porém, aproveitou algumas disciplinas do antigo mestrado e o concluiu, com defesa de dissertação em 1994, na mesma UFG.

5 Títulos acadêmicos

- Curso superior: Letras Modernas (2 de dezembro de 1966) “[Bernardo Sayão](#)” Anápolis – GO.
- Aperfeiçoamento: Autorizada pelo MEC para lecionar Metodologia do Trabalho Intelectual, frequentou o curso de Metodologia do Ensino Superior, [UFG](#), concluído em 23 de abril de 1975.
- Mestrado: Letras e Linguística – Literatura Brasileira (28 de novembro de 1994), [UFG](#).

6 Publicações

6.1 Individuais

- [Um contista goiano](#). Anápolis: Couto Magalhães, 1968 – estudo pioneiro sobre as obras de conto de Bernardo Élis, até Veranico de janeiro (1966). Ver internet, pdf.

- [Maíra - reescrita e dessacralização do mito](#): o ritual parodístico do sacrifício indígena pela catequese. Goiânia: Kelps, 2000 – ensaio sobre o romance pornomítico Maíra, do antropólogo Darcy Ribeiro. Ver internet, pdf.
- [Quarta dimensão](#): o tempo da palavra e outros tempos. Goiânia: Kelps, 2005 – poemas. Ver internet, pdf.

6.2 Coletivas

- Revista Educação hoje. São Paulo: Brasiliense, nº 3, maio/jun. 1969.
- Colheita (antologia de poemas), org. [Gabriel Nascente](#), Goiânia: Unigraf, 1979.
- Coletânea de poesias. Org. [Casa do Poeta do Paraná](#), Curitiba: Linarth, 1983.
- Quarta noite da poesia paranaense: a poesia sobe ao palco. Curitiba: Beija Flor, [Teatro Guaíra](#), 15 de setembro de 1983. Direção de Lilian Fleury.
- Revista da UBE/GO. Goiânia: Kelps, alguns números.
- Anuário e Revista da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás. Todos os números, desde sua fundação (1969).
- Coletânea de escritores brasileiros contemporâneos em prosa e verso, de Adrião Neto, Teresina – PI: Edição Geração 70, 1999, dentre outras.
- Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás. Antologia 2012: Vozes atuais da AFLAG. Goiânia: PUC/GO – Kelps, 2012, p.21.b
- Instituto Histórico e Geográfico de Goiás: Goiânia 80 anos de poesia. Org. Ubirajara Galli & Elizabeth Caldeira Brito. Goiânia: Kelps, 2013, p. 45.

7 Verbetes em dicionários

- Dicionário enciclopédico de Goiás, de Ciro Lisita Júnior. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 1984.
- Enciclopédia de literatura brasileira, de [Afrânio Coutinho](#). Rio de Janeiro: Oficina Literária, 1990 e 2001, 2. ed.
- Ensaístas brasileiras, de [Heloísa Buarque de Hollanda](#) e Lúcia Nascimento_Araújo. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- Dicionário de escritores de Goiás, de Mário Ribeiro Martins. Rio de Janeiro: Master, 1966.
- Dicionário biobibliográfico de escritores brasileiros contemporâneos, de [Adrião Neto](#), Teresina – PI: Edição Geração 70, 1998 e 1999
- Dicionário de mulheres, de Hilda Agnes Hübner Flores, Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999; 2ª edição 2011.
- Dicionário do escritor goiano, de José Mendonça Teles, Goiânia: Kelps. Várias edições.
- Figura, também, na [Wikipédia](#), a enciclopédia livre.

8 Instituições a que pertence

- Patrona e titular da cadeira nº 10 da [Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás](http://www.aflag.org.br) (1969), Goiânia. <http://www.aflag.org.br> / aflag1969@gmail.com
- Sócia da [União Brasileira de Escritores \(UBE/GO\)](http://www.ubebr.com.br). [//www.ubebr.com.br](http://www.ubebr.com.br) / ubegoias@gmail.com
- Sócia correspondente da [Academia Petropolitana de Letras](http://www.apcl.com.br), cadeira 76, Petrópolis – RJ. [//academiapetropolis.html](http://www.apcl.com.br) [//www.apcl.com.br](http://www.apcl.com.br)// www.clerioborges.com.br
Quando residiu em Curitiba, pertenceu à Casa do Poeta do Paraná.

9 Projetos atuais

- [Os portais da viagem](#) – com textos de diversos gêneros e estilos, a ser publicado em papel nos próximos longos meses. (Está na internet, sem revisão ou atualização.)
- [Estudos](#), uma releitura das pesquisas e seminários apresentados no mestrado da UFG e na AFLAG, a ser publicado em papel (Há parte desse trabalho na internet, sem revisão).
- **Redação passo a passo até à Universidade**, conteúdo a ser atualizado [se a vida lho permitir], aproveitando arquivos de 31 anos de experiência nessa área, do fundamental a cursinhos pré-vestibulares.

10 Entrevistas (para complemento curricular)

Diniz, Pedro Augusto. Documentarista e prof. na UEG. [Entrevista](#) com Ercília MacedoEckel, Goiânia, nov. 2009.

Lourenço, Edival & **Naves**, Doracino. Série Rememóris: “Marieta Teles Machado”. Por Ercília Macedo-Eckel. [Programa raízes/net - Jornalismo cultural](#). Fonte TV, Goiânia, 15 de julho de 2012.

Ercília Macedo-Eckel
Goiânia, 12 de dezembro de 2012.